



8^A PÍTICA –PÍNDARO

Tradução e nota de TRAJANO VIEIRA

Considerada a última obra de Píndaro, composta provavelmente em 446 a. C., quando o poeta passava dos 70 anos de idade, a 8^a *Pítica* homenageia Aristómenes, jovem lutador nascido na ilha de Egina e vitorioso nos jogos píticos. Trata-se de um dos mais conhecidos textos do autor, sobretudo por seu final, em que se encontra sintetizada, num verso pré-borgiano, sua visão pessimista acerca da condição humana (“sonho de uma sombra: o homem”), cujo caráter precário e transitório contrasta com a luminosidade perene dos deuses olímpicos. Comenta-se muito a inserção no poema do episódio referente à luta dos Sete contra Tebas. Anfiarau (filho de Ecleu), membro da primeira expedição argiva contra Tebas, engolido, depois da derrota de Argos, pelo solo tebano e transformado em objeto de culto, prevê, por intermédio do oráculo, o sucesso da segunda campanha, realizada pelos Epígonos, da qual fez parte o próprio filho de Anfiarau, Alcméon. Este último herói, chefe da expedição, que teria sido, segundo algumas fontes (Apolodoro III 7, 4; Pausânias IX, 45), o primeiro militar a entrar na Tebas abandonada, é introduzido no poema por uma bela enálage (3^a estrofe): é o dragão que decora seu escudo, e não o armamento, que aparece “agitado”. Como fica claro nesse trecho, Alcméon era cultuado em santuário. Bruno Gentili, em sua recente e erudita edição das *Píticas* (*Le Pitiche*, Fondazione Lorenzo Valla e Arnaldo Mondadori, 1995), observa, em relação à passagem em que Alcméon é referido como “vizinho”, que a *persona loquens* ou se identifica com o coro — segundo essa hipótese, o santuário estaria localizado em Egina —, ou com o poeta. Neste último caso, o santuário de Alcméon ficaria na terra natal de Píndaro, Tebas — acerca do que não há registro —, ou em Argos, onde o escritor passou o final de sua vida. O aparecimento de Alcméon — provavelmente no âmbito do sonho, observa Gentili — teria a função, segundo Puech (*Pindare*, Les Belles Lettres, 1977), de anunciar a vitória de Aristómenes, quando o poeta se dirigia para Delfos (“ônfalo ínclito”), a fim de assistir aos jogos píticos, realizados em homenagem a Apolo, deus “flechicerteiro”. Apesar do sucesso da segunda expedição dos Epígonos, nela morre o filho de Adrasto, único líder argivo a participar das duas guerras.





ΑΡΙΣΤΟΜΕΝΕΙ ΑΙΓΑΙΝΗΤΗ ΠΑΛΑΙΣΤΗΙ

Ἐπίλεκτοι τοι μέν την πάλην
ώ μεγιστόπολι θύγατερ,
βουλᾶν τε καὶ πολέμων
ἔχουσα κλαιδαῖς ὑπερτάτας
Πυθίονικοι τιμάντι· Αριστομένει δέκεν.
τὸν γὰρ τὸ μαλθακὸν ἔρξαι τε καὶ παθεῖν ὅμῶς
ἐπίστασαι καρφῷ σὺν ἀτρεκεῖ·
τὸν δὲ ὅποταν τις ἀμειλιχον
καρδίᾳ κότον ἐνελάσῃ,
τραχεῖα δυσμενέων
ὑπαντιάξαισα κράτει πιθεῖς
ὑβριν ἐν δυτλῷ, τὸν οὐδὲν Πορφυρίων μάθεν
παρ' αἰσθανέετελίκων. κέρδος δὲ φιλτατον,
ἐκόντος εἴ τις ἐκ δόμων φέροι.
Βία δὲ καὶ μεγάλωνχον ἐσφαλεν ἐν χρονῷ.
Τυφώς Κλιξ ἑκατόνταρον οὐ μην ἄλυξεν,
οὐδὲ μὰν βασιλεὺς Γιγάντων·
δημάθεν δὲ κεραυνῷ
τόξοισι τὸν Ἀπόλλωνος· δις εὐμενεῖ νόφ
Ξενάρκειον ἕδεκτο Κίρραθεν ἐστεφανωμένον
νιὸν ποία Παρνασσία Δωρεῖ τε κώμῳ.

ἔπεισε δ' οὐ Χαρίτων ἔκας
ἀ δικαιόπολις ἀφεταῖς
κλεισμάσιν Αἰακιδάνη
θυγοῖσα νάσος· τελέαν δ' ἔχει
δόξαν ἀπ' ἀρχῆς. πολλοῖσι μὲν γὰρ ἀείδεται
νικαφόρους ἐν ἀέθλοις θρέψαισα καὶ θοᾶις
ὑπερτάτους ἥρωας ἐν μάχαις·
τὰ δὲ καὶ ἀνδράσιν ἐμπρέπει.
εἰμὶ δ' ἀσχολος ἀναθέμεν
πάσσαν μακραγορίαν
λύρη τε καὶ φθέγματι μαλθακῷ,
μὴ κόρος ἐλθῶν κνίσῃ. τὸ δὲν ποσί μοι τράχον
ἴτω τεὸν χρέος, ὡς πάι, νεωτατον καλῶν,
ἐμὰς ποτανὸν ὀμφὸν ποσχενά.
παλαισμάτεσσι γὰρ ἵχνεύων ματραδελφεούς
Ὀλυμπίᾳς τε Θεόγνητον οὐ κατελέγχεις,
οὐδὲ Κλειτομάχοιο νίκαν
Ἰσθμοὶ θρασύγυνον·
αὐξῶν δὲ πάτραν Μειδουλιδᾶν λόγον φέρεις,
τὸν ὄντερ ποτ' Οικλέος παῖς ἐν ἐπταπύλοις ιδῶν
νιὸνς Θήβαις αἰνίξατο παρμένοντας αἰχμᾷ,

ὅπότ' ἀπ' Ἀργεος ἥλινθον
δευτέρων ὁδὸν Ἐπίγονοι.
ῳδ' εἶπε μαρναμένων·
Φυᾶς τὸ γενναῖον ἐπιπρέπει
ἐκ πατέρων παισὶ λῆμα. Θαέμαι σαφές
δράκοντα ποικίλον αἰθᾶς· Αλκμάν' ἐπ' ἀσπίδος
νιαμῶντα πρῶτον ἐν Κάρδου πύλαις...
οὐ δὲ καμῶν προτέρερος πάθει
νῦν ἀρέονος ἐνέχεται

δρυμοχος ἀγγελία
“Ἄδραστος ἥρωας· τὸ δὲ οὔκοθεν
ἀντία πράξει, μόνος γὰρ ἐκ Δαναῶν στρατοῦ
θανόντος ὅστεα λέξαις νιού, τύχῃ θεῶν
ἀφίξεται λαφῷ σὺν ἀβλαβεῖ
“Ἄβαντος εὐρυχόρους ἀγνυάς”. τουαντα μέν
ἐφθεγξατ· Αμφιάραος. χαῖρων δὲ καὶ αὐτός
‘Αλκμάνα στεφάνοισι βάλλω,
ραινώ δὲ καὶ ὑμνψ,
γείτω ὅτι μοι καὶ κτεάνων φύλαξ ἐμῶν
ὑπαντίσαντει λίντει γνῆς ἀγνιφλαδάντηραν διαδιψομεν...
μαντευμάτων τ' ἐφάφαστο συγγόνοισι τέχναις.

τὸ γάρ τοι Σκακθέλωρτος οὐδενοκουν
ναὸν εὐκλέα διανέμων.
Πιθώνος ἐν γυάλοις,
τὸ μὲν μέγατον τάθει χαρμάτινον...
ἄπασας, οἵκοι δὲ πρόσθεν ἀρπαλέαν δόσιν
πενταεθλίου σὺν ἑορταῖς ὑμαῖς ἐπάγαγες·
ῶναξ, ἐκόντη δ' εὔχομαι νόφ
κατα τον ἀρμονίαν βλέπειν
ἀμφ' ἔκαστον δόσα νέομαι.
Ἄλλην μὲν τούτην αὐτὴν
Δίκα παρέστακε· Θεῶν δ' ὅπιν
ἀφθιτον αἰτέω, Ξέναρκες, ὑμετέραις τύχαις.
εἰ γάρ τις ἐστὶ πέπαται μὴ σὺν μακρῷ πόνῳ,
πολλοῖς σοφὸς δοκεῖ πεδ' ἀφρόνων
βίον κορυσσέμεν ὀρθοβούλοισι μαχαναῖς·
τὰ δὲ οὐκ ἐπ' ἀνθράσι κείται· δαιμῶν δὲ παρίσχει·
ἄλλοτ' ἀλλοιον ὑπερθε βάλλων,
ἄλλον δ' ὑπὸ χειρῶν,
μέτωπ καταβάνει· ἔτι· Μεγάραις διέχεις γέμας·
μυχῷ τ' ἐν Μαραθώνος, “Ἥρας τὸν ἀγώνα” ἐπιχώριον
νίκαις τρισσαῖς, ὡς Ἀριστομενες, δάμασσας ἔργῳ

τέτραισι δ' ἔμπετες ὑψόθεν
σωμάτεσσιν κακὰ φρονέων,
τοῖς οὖτε νόσος ὁμῶς
ἐπαλπνος ἐν Πιθιάδι κριθῇ,
διδηφελόποτον πτυγραλιάρχος μάνηγκανες γρανάκια
ώρσεν χάριν· κατὰ λούρας δ' ἔχθρων ἀπάροι
πτώσσοντι, συμφορῇ δεδαγμένοι.
οὐ δὲ καλόν τι νέον λαχών
ἀβρότασος ἔπι μεγάλας
ἔξι ἐπτίδος πέπαται
ὑποπτέροις ἀνορέαις, ἔχων
κρέσσονα πλούτον μέριμναν. ἐν δ' ὀλίγῳ βροτῶν
τὸ τερπνὸν αὐξεται· σύντο δὲ καὶ πίτνει χαμαί,
ἀποτρόπῳ γνώμᾳ σεσειμένον.
ἐπάμεροι· τί δέ τις; τί δ' οὖ τις; σκιάς οὐαρ
ἀνθρωπος. ἀλλ' οὐαν αἴγλα διόσδοτος ἐλθῃ,
λαμπρὸν φέγγος ἐπεστην ἀνθρών
καὶ μειλιχος αἰών.
Αἴγινα φλαμ μάτερ, ἐλευθέρω στόλῳ
πόλιν τάνδε κόμιζε Δί καὶ κρέοντι σύν Αἰακῷ
Πηλεὶ τε κάγαθῷ Τελαμῶν σύν τοι Αχιλλεῖ.

*Alto relevo na base
de uma estátua,
datado de logo
depois das guerras
pérsicas. Atletas
treinam: um
corredor na posição
de partida, lutadores
praticando, e um
jovem testa a ponta
de seu dardo
(fim do séc. VI a.C.)*





PARA ARISTÓMENES DE EGINA, VENCEDOR NA LUTA

Serenidade, filha benévolas da Justiça,
fonte da opulência urbana,
dona das chaves ilustres
em conselhos e guerras:
acolhe meu canto a Aristómenes,
vitorioso pítico.
Sabes o momento justo de propiciar o júbilo
e de prová-lo.
Mas quando alguém introduz no coração
o fel do rancor,
reages ríspida ao inimigo,
afogando a insolência no oceano turvo.
Porfírio provocou-te inadvertidamente,
cego à partilha do destino.
Quem traz da casa amiga o lucro consentido,
conquista prêmio ímpar.
Com o tempo, a violência arruina o arrogante.
Não soube evitá-la Tifon, centicéfalo cilício,
nem o rei dos gigantes;
abateu-os o raio e as flechas de Apolo,
alegre ao ver chegar de Cirra
o filho coroado de Xenarco,
folhas do Parnaso e pompa dórica.

A ilha
– cidade justa –
ganhou as cercanias das Graças,
conheceu a ilustre virtude eácida.
Desde sempre sua fama se perfaz.
Poemas repetem elogios ao berço
de seus heróis,
laureados em lutas esportivas,
conclusivos em rixas bélicas.
Entre cidadãos ela também fulgura.
Carente de ócio,
não levo a longa parlenda às cordas da lira,
nem as vozes sutis,
pois o tédio irrita os ouvintes.

Zeloso de meu débito,
o contexto preme:
teu feito mais recente, rapaz,
sobrevoe nas asas do meu engenho.
Na trilha de teus tios,
honras a glória de Teogneto, prêmio em Olímpia,
e a vitória de um corpo audaz, Clítomaco, no Istmo.
Agigantas a família Midílida,
cumpres o dizer do filho de Ecleu,
palavras enigmáticas proferidas
quando viu na Tebas de sete portas
os filhos, ansiosos de lança.

Os Epígonos refaziam a campanha argiva.
O Ecleida pronunciou em plena guerra:
“É um feito da natura
o afá paterno brilhar nos filhos.
Vejo nítido Alcméon,
agitando o dragão cintilante
sobre o escudo rútilo,
destaque nos portais de Cadmo.
A ave de bom agouro surpreende agora Adrasto,
herói provado na expedição precedente.
Mas o revés dominará seu lar.
Na tropa dos dânaos,
só ele recolhe os ossos do filho morto.
Deuses decidem seu ingresso
pelas ruas largas de Abas,
com uma única baixa no exército.”
Calou Anfiarau.
Com igual enlevo,
guirlandas e a úmida aragem hínica
recubram Alcméon,
vizinho guardião dos meus haveres:
veio até mim
quando me dirigia ao ônfalo ínclito
– coração da terra –
e colocou-me no rol das profecias,
inatas à sua família.





Flechicerteiro,
senhor do templo ilustre,
abriço nos vales de Pito,
cumulas de júbilo Aristómenes;
sua casa recebeu anteriormente
o prémio almejado do pentatlo,
no âmbito de vossa festa:
dádiva tua.
Declina o olhar, Apolo,
acolhe o que traduzo em harmonia.
Dike preside a dança e o doce ritmo.
Aos deuses rogo eterno apuro
por vosso futuro, Xenarques.
Alguém atinge o píncaro sem muita fadiga
e a maioria então cogita:
é um sábio que, entre tolos,
nutre a vida com retos alvitres.
Mas isso foge à alçada humana;
um deus decide: ergue um,
sob o peso das mãos, derruba outro;
participa da porfia na medida.
Ganhaste em Mégara e nos campos de Maratona;
nos jogos de Juno, três vezes
vigorou tua força, Aristómenes.

Negros pensamentos,
encaraste quatro corpos caídos;
por anseio de Pito,
amargaram regresso contrário ao teu.
Nem o riso materno suscita regozijo
a seu redor.
Encolhidos nos becos, feridos pelo azar,
os batidos evitam desafetos.
Mas quem logra o novo louro,
pleno
alça o vôo da esperança
nas asas de seu feito.
Não cabe na riqueza a ambição do vencedor.
O prazer humano surge num átimo
e no mesmo hiato declina,
sob o sismo do querer adverso.
Criatura fugaz:
o que é alguém?
O que é ninguém?
Sonho de uma sombra: o homem.
Porém, quando o brilho divino desce,
sobreverbera a luz,
e a vida é doce.
Egina, mãe querida,
protege o livre curso da cidade,
com Zeus, com o rei Éaco,
com Peleu, com Télamon, intrépido, e com Aquiles.

ΑΡΙΣΤΟΜΕΝΕΙ ΑΙΓΑΙΝΗΤΗ ΠΑΛΑΙΣΤΗ

